



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1176

## OS CERAMISTAS TUPIGUARANI E ITARARÉ-TAQUARA: OCUPAÇÃO, HISTÓRIA E PRESENÇA EM LONDRINA/PR<sup>1</sup>

Maquieli Elisabete Menegusso  
Universidade Estadual de Londrina,  
Mestranda em História Social

**Resumo.** Antes da chegada dos colonizadores, o estado do Paraná já era habitado por diferentes populações indígenas, como atesta ampla bibliografia a respeito. Indícios arqueológicos comprovam essa presença há pelo menos 10.000 anos, porém, a ocupação da região metropolitana de Londrina, como é habitualmente referida pelo discurso do *pioneirismo* e do *vazio demográfico*, dificulta a compreensão do papel e da importância dessas populações na formação histórica e na construção de sua identidade cultural. Desenvolvendo um diálogo com a arqueologia e a etno-história, a presente comunicação irá focar a trajetória das tradições Tupiguarani e Itararé-Taquara, onde a presença está marcada nos sítios arqueológicos da região e cuja principal característica é a cerâmica, chegando a seus possíveis descendentes Kaingangs e Guaranis que não usam mais a olaria em suas tradições. Será dada ênfase ao processo de aculturação dos indígenas - transição do pré-contato para o pós-contato - destacando-os não somente como vítimas de uma gênese do homem branco, mas como sujeitos e protagonistas históricos. As fontes serão baseadas em bibliografias acerca do tema proposto, análise da cultura material presente nos museus e visitas as terras indígenas da área em estudo para observação direta e coleta de testemunhos orais. Durante quase cinco séculos, os índios foram pensados como seres efêmeros, em transição: transição para a cristandade, a civilização, o desaparecimento. Reconhecer esta presença não é invalidar toda a história que veio depois, mas mostrar outra visão, a de que os indígenas também fazem parte do processo de povoamento da região metropolitana de Londrina.

**Palavras-chave:** Etno-história; Arqueologia; Povoamento indígena; Cultura; Remanescentes.

### Introdução/Justificativa

No estado do Paraná os primeiros indícios de ocupação humana estão relacionados aos seguintes grupos: caçadores-coletores denominados Paleoíndios,

---

<sup>1</sup> Dissertação de mestrado em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Estadual de Londrina, sob a orientação da Professora Dra. Cláudia Eliane P. Marques Martinez.

pertencentes às tradições Umbu e Humaitá; agricultores-ceramistas, pertencentes às tradições Itararé-Taquara e Tupiguarani; coleta litorânea, representada pelos sambaquis e para as pinturas e gravuras rupestres, representações simbólicas, têm-se as tradições Planalto e Geométrica (PARELLADA, 2007).

O CNSA<sup>2</sup> revela que no Paraná se encontram 1304 sítios arqueológicos cadastrados, dentre eles, os relacionados as culturas acima citadas, além dos sítios históricos registrados a partir do século XVI, como as reduções jesuíticas e as cidades espanholas.

**Quadro 01 - Periodização arqueológica para o território paranaense**

Período	A partir de	Grupos	Tradições
Pré-Colônia	10.000 anos A.P	Caçadores – coletores	Umbu
			Humaitá
			Sambaquis Fluviais
		Pinturas e gravuras rupestres	Planalto
	Geométrica		
	8.000 anos A.P	Pescadores, caçadores e coletores	Sambaquis Litorâneos
	4.000 anos A.P	Agricultores- ceramistas	Itararé-Taquara
2.000 anos A.P	Tupiguarani		
Colonial	Século XVI  (1500 d.C)	Europeus, jesuítas, índios contatados,  Membros de expedições de conquista	Neobrasileira

Fonte: PARELLADA (2006).

Ao longo do tempo os grupos nativos se expandiram pelo território, se adaptando as condições climáticas e se desenvolvendo conforme as fontes de alimento e matéria prima que o ambiente lhes oferecia, cada grupo apresentando suas particularidades culturais.

<sup>2</sup> Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos, disponível em [www.iphan.gov.br](http://www.iphan.gov.br)

No início do século XVI, quando chegaram os primeiros europeus, já se encontravam na região as populações indígenas conhecidas hoje como históricas. São elas: Os Guarani e Xetá do tronco linguístico Tupi, e os Kaingang e Xokleng do tronco linguístico Macro-Jê (Mota, 2008).

O contato dessas populações tradicionais com os novos ocupantes, ocasionou uma rápida transformação em seus modos de vida, onde foram drasticamente reduzidas pelos confrontos armados por posse de terras, escravização e doenças contagiosas. Os que sobreviveram passaram a viver sob os novos padrões culturais trazidos pelos invasores e obrigados a viver em espaços menores. Etnias que muitas vezes no passado figuravam como inimigas (Guaranis e Kaingang) acabaram sendo aldeadas em um mesmo espaço, como é o caso da terra indígena de São Jerônimo, localizada no município de São Jerônimo da Serra.

Sendo continuamente habitado por diferentes populações há milhares de anos, o território paranaense apresenta uma grande diversidade cultural, porém, os discursos da história dominante colocam os povos indígenas à margem da história, principalmente quando se trata da região norte, onde o discurso fala sobre progresso, civilização, pioneirismo e cafeicultura, conjunto de ideias que criou a visão das terras desprovidas de população. Um dos silêncios promovidos por esse discurso foi o da ocupação da região metropolitana de Londrina por sociedades indígenas.

Como afirma Manuela Carneiro da Cunha (1992) durante muito tempo, os indígenas não foram vítimas apenas da eliminação física, mas também da eliminação enquanto sujeitos históricos. Trazer à tona alguma dessas vozes no cenário da história, redimensionando o estudo dos povos para além das sociedades europeias é de suma importância para o bom entendimento do processo de povoamento da região.

O estudo será limitado às tradições arqueológicas Tupiguarani e Itararé-Taquara e aos indígenas conhecidos historicamente como Kaingang e Guarani, estes porque a presença está marcada nos sítios arqueológicos, museus e terras indígenas da região em estudo, o que permitirá uma análise das transformações culturais ocorridas nessas sociedades ao longo do tempo.

Pretende-se oferecer aqui uma síntese dos dados levantados até o momento, a partir das pesquisas bibliográficas e consultas ao banco de dados do IPHAN. Apresentar-se-á algumas das características culturais das tradições em estudo, o contato, a ideia do vazio demográfico e a presença indígena.

## **Objetivos**

O que se propõe apresentar é uma história que perpassa as terminologias arqueológicas Itararé-Taquara e Tupiguarani para os indígenas Kaingang e Guarani, mostrando que essas terras não estavam vazias e que vinham sendo ocupadas há milhares de anos.

O fator preponderante da pesquisa não será datar o desaparecimento de uma tradição ou outra, mas entender como se elaboram as relações sociais, formação e desenvolvimento de identidades em cada espaço de tempo, identificando os processos de mudanças e ressignificações culturais derivadas das situações de contato.

## **Resultados**

Para Parellada (2006) os primeiros agricultores-ceramistas chegaram ao Paraná vindos do Planalto Central brasileiro, denominados de Itararé-Taquara. Pesquisas arqueológicas colocam essa tradição como portadora de uma das primeiras ocorrências de cerâmica no Brasil meridional. A quase totalidade dos achados se integra em três conjuntos que seus criadores chamaram de tradição Taquara (E. Miller) e tradição Itararé e Casa de Pedra (I. Chmyz).

Podemos agrupar essas três tradições, como mostra Araújo (2007) sob um mesmo rótulo, devido as diferenças mínimas entre elas, assim como, Miller (1971) *apud* Parellada (2008) sugere essa unificação, correspondendo a tradição Itararé-Taquara que adotarei aqui.

Essa tradição está associada a grupos distintos dos Guarani, falantes de idioma Jê e representados atualmente pelos Kaingang e Xokleng. Evidências arqueológicas fortalecem a hipótese a respeito. Um exemplo é a pesquisa de Miller (1978) *apud* Araújo (2007) que compara fragmentos provenientes de sítios arqueológicos, fragmentos de locais historicamente conhecidos como de ocupação

Kaingang e vasilhames feitos por duas informantes Kaingang dos P.I Icatu e Vanuire (SP), evidenciando muitas semelhanças no método de manufatura.

Em relação aos vestígios materiais, Parellada (2007) os descreve da seguinte forma: A cerâmica caracteriza-se pelo pequeno volume e a espessura fina, com eventual engobo negro ou vermelho, e em alguns casos marcada com impressão de tecido ou malha, ou mesmo carimbada e incisa, na face externa dos vasilhames. As ferramentas líticas, ou seja, de pedra, eram polidas ou lascadas. Usavam-nas como raspadores, plainas, machados, pilões e mãos de pilão, além de bigornas e batedores. Também confeccionavam cestos, principalmente em taquara, alguns impermeabilizados com cera de abelha para armazenar líquidos e também usavam porongos como vasilhas.

Caracterizam-se principalmente pela sua engenharia de terra, para construção de casas poços ou casas subterrâneas, conhecidas pela população como casas de bugre. Eram construídas nas regiões mais altas de campo aberto, submetidas a geada e ao vento frio, instalando-se nos capões de araucárias do Paraná.

[...] são caracterizadas por covas profundas de 3 m até 18 m de diâmetro e com profundidade de 1 m até 6m, cavadas com picões de pedra no piso de alteração do arenito. A terra escavada era disposta em anel ao redor do buraco para desviar as águas da enxurrada, e um poste central com cerca de 15 cm de diâmetro levantava um teto de folhas, cujos caibros, calçados com pedras, se apoiavam ao redor da depressão. Nas casas mais profundas, uma banquetela corria ao longo da base da parede; uma rampa ou algumas lajes fincadas na parede à guisa de escada permitiam o acesso. Uma fogueira era instalada perto do centro da estrutura, alimentada por nós de pinhão – ótimo combustível [...] (PROUS, 2006, p. 49 - 50).

P.I Schimitz(2003) e Prous (2006) colocam que nos mesmos espaços junto as casas, geralmente aparecem aterros com cerca de 1m de altura que aparentam ter sido usados para sepultamentos. Segundo P.I Schimitz centenas de sítios dessa natureza foram localizados no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo e alguns até nas terras altas de Minas Gerais.

Numerosos trabalhos já foram escritos sobre os “buracos”, os arqueólogos ocupam-se do assunto a décadas, mas o que esses buracos, de fato representam e que utilidade teriam?

Para Parellada (2007) teriam usos variados: Sepultamentos, habitações ou armazenagem de alimentos. Prous (2006) não descarta a possibilidade de algumas das casas terem sido usadas para armazenar pinhões, relatando que infelizmente vestígios alimentares não são preservados nos sedimentos ácidos das casas subterrâneas.

Lançando mão a tradição Tupiguarani<sup>3</sup>, Prous (2006) coloca que os vestígios desses povos são encontrados desde as missões e o Rio da Prata, ao sul, até o Nordeste, com algumas ocorrências no sul da Amazônia. A leste ocupam toda faixa litorânea, desde o Rio Grande do Sul até o Maranhão. A oeste, aparecem no Paraguai e nas terras baixas da Bolívia e marcaram sua presença discretamente nos cerrados do Brasil central. Ocuparam de preferência as regiões de floresta tropical e subtropical, sendo grande a densidade de sítios arqueológicos ao longo da faixa de Mata Atlântica e ao longo das bacias dos rios do Prata.

Pode-se afirmar que o elemento mais característico dessa cultura é a cerâmica, devido a produção em larga escala e sua diversificação na decoração, o que a difere da tradição Itararé-Taquara onde a cerâmica era simples, com raras decorações.

Estas peças eram decoradas com padrões característicos dos Guaranis: as utilitárias, de todo dia, tinham a superfície externa coberta com impressões regulares da polpa do dedo, da borda da unha, da ponta de um estilete, ou eram lisas; um outro conjunto, melhor trabalhado, era pintado, às vezes com um vermelho uniforme, mas geralmente com desenhos geométricos variados em vermelho ou preto sobre uma base branca. Especialmente a pintura dava um aspecto agradável ao vasilhame e mostrava que o grupo tinha vencido a mera subsistência e investia algum tempo em arte. (SCHMITZ, 2006, p. 41)

Os ceramistas Tupiguarani eram grandes agricultores, plantando principalmente a mandioca e o milho. Moravam em aldeias circundadas por roças, geralmente com quatro a seis habitações retangulares cobertas por palhas. No interior das habitações costumavam sepultar os mortos em grandes vasilhames cerâmicos onde também eram inseridos seus objetos principais, como lâminas de machado e pequenas vasilhas. Os instrumentos de pedra mais comuns são lâminas de machado polidas ou lascadas, adornos labiais em forma de “T” (tembetás),

---

<sup>3</sup> Existe uma série de atributos ligados a grafia Guarani: Utiliza-se Tupi para se referir ao tronco linguístico; Tupi-Guarani para se referir a família linguística; Tupiguarani para a tradição arqueológica e Guarani para identidade étnica (CEREZER, 2011)

lascas, raspadores, bifaces, polidores em canaletas e pingentes polidos perfurados (PARELLADA, 2007).

Com o passar dos anos os padrões culturais dessas sociedades foram se modificando, mas foi a partir do contato com os não-índios que o processo de mudança ocorreu de uma maneira mais acelerada. Foi alterado grande parte da vida tradicional das populações nativas, modificando as bases estruturais dos grupos, provocando a diminuição territorial e populacional e o abandono de algumas práticas milenares, a exemplo da produção cerâmica.

Partindo então, para o contato, Shmys, e Sauner, *apud* Becker (1999) afirmam que a ocupação colonizadora paranaense se deu devido a agricultura, pecuária e a mineração, que foi a principal atração. O processo minerador possibilitou a abertura de estradas vicinais, municipais e interestaduais que cortaram as concentrações indígenas.

O estado também foi palco das reduções jesuíticas espanholas do século XVI e da primeira metade do século XVII. Para Motta (2008), em seu apogeu, o Guayrá de 1620-1630, chegou a contar com 17 reduções, abrigando mais de 200 mil índios Guaranis.

O que restou das reduções jesuíticas são apenas alguns vestígios materiais que ainda estão presentes em sítios arqueológicos, outros recobertos pela mata, ou simplesmente destruídos pela ação de agricultores no processo do plantio.

Um exemplo de vestígios dessas missões é o da redução jesuítica de San Joseph fundada em 1625 e destruída pelos bandeirantes em 1631. Foi instalada no local onde atualmente existe o Sítio Arqueológico da Fazenda Santa Dalmácia, ao norte do município de Cambé (região metropolitana de Londrina). No local foram evidenciados inúmeros fragmentos cerâmicos da cultura Guarani, o que indica uma forte atividade da produção oleira. A arqueóloga do Museu Paranaense Cláudia Inês Parellada fez o anúncio oficial do sítio arqueológico em 2011 durante a 9ª Reunião de Antropologia do Mercosul em Curitiba<sup>4</sup>.

A partir do século XVII a região foi marcada por intensas lutas entre os Guaranis e os bandeirantes paulistas que buscavam índios para escravização,

---

<sup>4</sup> Dados extraídos do site da Prefeitura Municipal de Cambé <http://www.cambe.pr.gov.br/site/areanoticia/862-missao-jesuistica-esteve-em-cambe-em-1625.html> com acesso em junho de 2015.

índios e espanhóis e também confrontos entre jesuítas e tribos que não estavam dispostas a evangelização. Dessa forma os Guaranis misturaram-se intensamente com outros povos e foram dizimados.

Quanto aos Kaingang, parece que não despertaram o interesse dos bandeirantes como mão-de-obra escrava:

[...] talvez por serem mais aguerridos e pouco numerosos em relação aos grandes estoques humanos mais dóceis que existiam mais a oeste ou talvez porque, como gente de língua travada e que só conhecia uma agricultura muito primitiva, não dessem escravos de qualidade. Esses índios que viviam no recesso das matas, em São Paulo, Paraná e Santa Catarina, eram conhecidos como Coroados, Guainá, Bugres ou Botocudos, de língua Kaingang. (Ribeiro *apud* Mota, 2008, p.91)

Podemos dizer que foram os principais personagens de resistência contra a penetração dos novos ocupantes, sendo a presença mais antiga ainda viva, de povos que ocupavam a região em estudo.

Quando se fala da região norte do Estado, é comum ouvir sobre o *vazio demográfico*. Mota (2008) descreve que os geógrafos da década de 50 tratavam o norte do Paraná como um sertão longínquo e completamente desabitado, onde nenhum mapa acusava a presença indígena que já existia no local, e muito menos os toldos indígenas que se espalhavam pela região nos vales dos rios Tibagi, Ivaí e Piquiri. A expressão pode ter sido usada como uma forma de ocultar os conflitos indígenas da época, segundo o autor o vazio foi criado pela expulsão ou eliminação das populações indígenas.

Contrariando a ideia do vazio demográfico, menciono o relato do engenheiro Gordon Fox Rule, empregado da Companhia de Terras Norte do Paraná, responsável pela colonização de grandes áreas entre os rios Tibagi e Ivaí, que fala da presença dos índios em 1930, nas imediações do Patrimônio Três Bocas, o primeiro nome de Londrina:

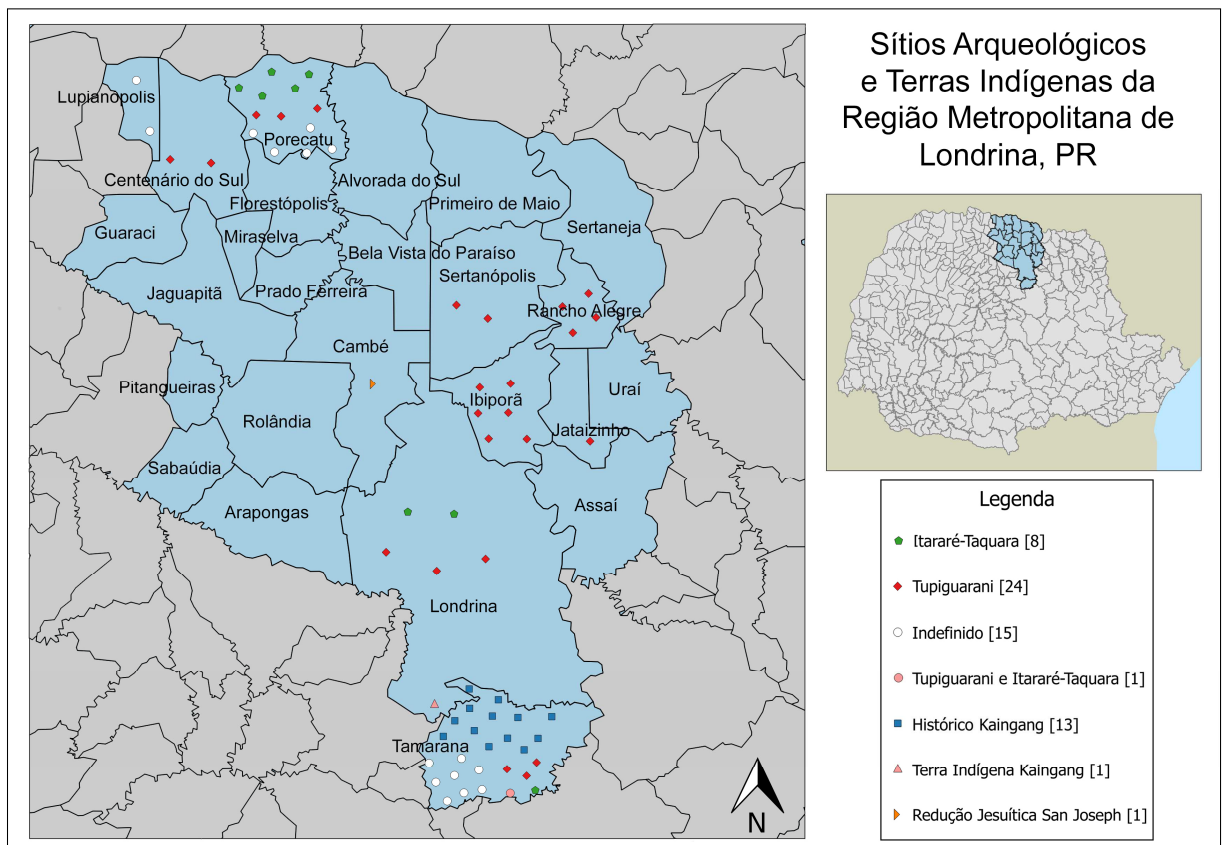
Certa vez paramos na estrada para encher de água o radiador de nosso fordco e de repente ouvimos de todos os lados, vindo da mata, o som de paus batendo nas árvores. Eram os índios que então existiam nos arredores do que viria a ser a progressista Londrina de hoje. Isso foi em 1930. Lembro-me bem que todos queriam correr, mas eu os acalmei e disse que fizessem tudo com naturalidade. Ouvimos os índios mas não podíamos vê-los. Pouco a pouco nos aproximamos do automóvel, sempre ao som das batidas nas árvores, enchemos de água o radiador e zarpamos a toda velocidade (Depoimento de Gordon Fox Rule *apud* Mota 2008, p.109).



Assim como o relato do engenheiro, ainda se tem Lévi-Strauss e Pierre Monbeig citados por Mota (2008) que falam sobre populações indígenas que viviam nas florestas do norte paranaense na década de 30.

A presença dessas sociedades na região metropolitana de Londrina também pode ser comprovada através dos sítios arqueológicos cadastrados no CNSA, além da presença de seus remanescentes que vivem em terras indígenas demarcadas pelo governo federal (Figura 01).

**Figura 01 – Mapa ilustrativo com a distribuição de sítios arqueológicos e terras indígenas do local de estudo.**



Fontes: Elaborado pelo próprio autor no software Quantum Gis 1.7.3 software (QGIS Development Team 2014). Dados extraídos do CNSA, disponível em [www.iphan.gov.br](http://www.iphan.gov.br) e Terras Indígenas em [www.funai.gov.br](http://www.funai.gov.br)

O respectivo mapa aponta um total de 62 sítios arqueológicos, e apenas uma terra indígena com a presença Kaingang, porém, próximo a região, no município de São Jerônimo da Serra, temos a Terra Indígena de São Jerônimo que nos permitirá o contato direto com os Guarani, a mesma, ainda conta com a presença Kaingang e Xetá.

Essas tradições arqueológicas são representadas hoje, por povos com uma história para contar, uma perspectiva para revelar e uma imagem para transmitir, mostrando quem realmente, de fato, são.

Descrever essas culturas, selecionando alguns trechos de modo a caber na narrativa, não mostra quem eles foram, muito menos quem são, mas abre espaço para questões que serão contempladas por meio do contato direto com seus remanescentes vivos e sua cultura material, bem como com uma maior aproximação entre os dados arqueológicos e etnográficos.

A pesquisa ainda se encontra em fase inicial, por essa razão os resultados são preliminares e carecem de mais estudos.

### **Considerações finais**

Não há dúvidas de que a presença do branco modificou profundamente as sociedades indígenas, destruindo seu modo de vida tradicional e os varrendo pelas doenças contagiosas e confrontos armados. Mas se o contato tivesse sido ordenado e pacífico, a cultura desses povos indígenas teria permanecido sem alteração ou teria se alterado de uma maneira mais branda e menos impositiva? Até que ponto as sociedades indígenas atuais se parecem com seus antepassados de antes das invasões europeias?

Os processos culturais das sociedades indígenas atuais devem ser interpretados a luz do processo histórico, considerando as formas de contato que cada grupo tem mantido com a sociedade nacional, os efeitos das epidemias e os confrontos que tiveram com as frentes de expansão, considerando que existem indígenas recém contatados e os indígenas cujo contato remonta há séculos.

Sabe-se que os aspectos da cultura indígena podem variar bastante entre os povos, ou até mesmo dentro de uma mesma comunidade ao longo do tempo. A língua, a forma de organização social e política, os rituais, os mitos, as formas de expressão artística, as habitações e a maneira de se relacionar com o meio ambiente são exemplos de fatores que se diferenciam.

Levando em consideração essa grande diversidade cultural e as mudanças culturais que ocorrem constantemente nessas sociedades, impostas ou naturais, devemos nos atentar para uma compreensão da existência de diferenças entre os próprios grupos indígenas, evitando criar a imagem do índio como povo único, lembrando que com o passar do tempo os padrões culturais, não só dessas sociedades, mas de toda humanidade sofrem alterações, devido a diversos fatores. Alguns são inerentes à própria cultura, que com o passar do tempo se auto-recicla outros devido as influências externas oriundas de outros grupos humanos.

E.P Thompson (1989) não acredita na definição de que existem culturas totalmente autônomas umas das outras. É difícil pensar que uma determinada cultura possa permanecer imune às influências de outras formações culturais. Sendo

assim, pode-se dizer que as culturas mudam constantemente, muitas vezes devido as necessidades de cada uma. Cultura não é uma coisa tão tradicional que não possa ser superada.

Entende-se que a história cultural dessas sociedades não pode ser definida como uma fórmula limitante, mas como uma massa de perspectivas, conceitos e metodologias que nos ajudam a observar a sociedade e sua produção cultural, trabalhando na construção de identidades e consciência histórica.

### **Referências bibliográficas.**

Araújo, A.G.M. **A Tradição Itararé-Taquara: Características, Área de Ocorrência e Algumas Hipóteses sobre a Expansão dos Grupos Jê no Sudeste do Brasil.** Revista de Arqueologia, São Paulo, 2007.

BECKER, Ítala Irene Basile. **O Índio Kaingáng do Paraná: subsídios para uma etno-história.** São Leopoldo, Ed. UNISINOS, 1999.

Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos In: **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.** Disponível em: <<http://www.iphan.gov.br/cnsa.htm>>. Acessado em 02 de ago. 2015.

CEREZER, Jedson Francisco. **Cerâmica Guarani: manual de experimentação arqueológica.** Erechim, RS: Habilis, 2011.

CUNHA, Manuela Carneiro. **História dos Índios no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Índios do Brasil – **Terras Indígenas** In: Fundação Nacional do Índio. Disponível em <<http://www.funai.gov.br>>. Acessado em 02 ago. 2015.

MOTA, Lúcio Tadeu. **As Guerras dos Índios Kaingang: a história épica dos índios Kaingang no Paraná (1769-1924).** 2ª Edição Maringá: Eduem, 2008.

PARELLADA, C. I. **Vida Indígena no Paraná: Memória, Presença, Horizontes.** PROVOPAR Ação Social, Curitiba/PR, 2006.

\_\_\_\_\_. **Arqueologia dos Campos Gerais.** In: Patrimônio Natural dos Campos Gerais do Paraná. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2007.

\_\_\_\_\_. **Tecnologia e Estética da Cerâmica Itararé-Taquara: Dados Etno-históricos e o Acervo do Museu Paranaense.** Revista Arqueologia, 21:97-111, 2008.

Prefeitura de Cambé Notícias. **Missão Jesuítica Esteve em Cambé em 1625.** Disponível em <<http://www.cambé.gov.br>>. Acessado em 02 de ago. 2015.

PROUS, André. **O Brasil Antes dos Brasileiros: A pré-história do nosso país.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

QGIS Development Team. QGIS Geographic Information System. Open Source Geospatial Foundation Project. 2014. <http://qgis.osgeo.org>

SCHMITZ, P.I. **Pré-História do Rio Grande do Sul.** Instituto Anchieta de Pesquisas - UNISINOS, São Leopoldo/RS. Documento 05, 2006.

SCHMITZ, P.I., *et al.* **Os Índios Engenheiros e suas Estranhas Casas Subterrâneas** In: I Colóquio sobre Sítios Construídos - Casas Subterrâneas, 2005, Santa Maria. Anais do I Colóquio sobre Sítios Construídos - Casas Subterrâneas. Santa Maria: UFSM/LEPA, 2003.

THOMPSON, Edward P. **Costumes em Comum.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.